

**TEM BRANCO NO SAMBA – A BRANQUITUDE EM PERSPECTIVA:
PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES
ETNICORRACIAIS NO BRASIL**

Katia Gomes da Silva

Mestranda em Relações Etnicorraciais no CEFET/RJ

26.katia.silva@gmail.com

Resumo

O embranquecimento do samba já teve seu momento mais polêmico. Depois seguiu com menos visibilidade. Com o avanço das discussões sobre as relações raciais no Brasil, estimuladas pela Lei 10639/03, retomamos o assunto à luz de novos debates, como o do branco em perspectiva, pela branquitude. Ao contrário do enfoque reducionista da questão racial apenas como um “problema de negros”. Para isso, focaremos em dois livros: “O mistério do samba” de Hermano Vianna e “Samba negro, espoliação branca” de Ana Maria Rodrigues. Assim, pretende-se mostrar duas diferentes visões sobre o desenvolvimento da história do samba, para que possamos perceber o que elas podem revelar sobre o trato do Brasil nas questões raciais e consequentemente entender um pouco mais da nossa realidade e os entraves que impossibilita a concretização do mito da democracia racial.

Palavras-chave: Samba; Branquitude; Relações raciais.

Abstract:

The graying of samba has had its most controversial. Then followed with less visibility. With the advancement of discussions on race relations in Brazil, stimulated by Law 10639/03, we resumed the subject in the light of further discussions, as the white perspective, the whiteness. Unlike the reductionist approach of race only as a "black problem." For this, we will focus on two books: "The Mystery of Samba" Hermano Vianna and "Samba black, white dispossession" Ana Maria Rodrigues. Thus, we intend to show two different views on the development of the history of samba, so we can understand what they can reveal about the dealings of racial issues in Brazil and consequently understand a little more of our reality and the obstacles that preclude the achievement the myth of racial democracy.

Key words: Samba; Whiteness; Race relations.

Refletir sobre o samba é perceber o levantamento de várias questões e uma delas é a do embranquecimento, com a entrada do branco no samba. O assunto ainda precisa ser debatido por algumas razões. Primeiro, pelo fato do samba ter virado símbolo nacional, sendo um patrimônio de todos, em que, no entanto, não há uma valorização da sua matriz negra africana. Uma matriz que a criou e desenvolveu, apesar da repressão que existiu, inicialmente, pelo simples fato de ser praticado e relacionado aos negros. Ou então temos a contradição de ver a mulata como símbolo do samba em eventos particulares, embora praticamente de forma exótica, tratada como um objeto e não como sujeito, e não a vemos como figura de destaque na maior parte dos desfiles da escola de samba. Segundo, porque no Brasil a branquitude é o padrão empregado naturalmente, escamoteada pelo discurso da mestiçagem na perspectiva do mito da democracia racial. A branquitude é o normativo nas diferentes mídias e é o modelo de sucesso, mesmo numa sociedade que se diz mestiça, pois, no Brasil, a mestiçagem não busca um reconhecimento e valorização das suas diferentes matrizes raciais, ela anseia por um embranquecimento, tendo sido o branqueamento tratado como meta nacional.

Neste presente trabalho, abordaremos o assunto, tendo como foco de análise dois livros: “O mistério do samba” de Hermano Vianna e “Samba negro, espoliação branca” de Ana Maria Rodrigues, para mostrar duas diferentes visões acerca da mesma temática que é o samba. Para uma maior compreensão dos discursos que envolvem os livros e do próprio embranquecimento do samba, traremos o conceito de branquitude numa primeira parte e as ideias de Stuart Hall no final. Estruturalmente, primeiro iremos contextualizar o caso brasileiro quanto às questões raciais, já levantando a questão da branquitude, para depois adentrarmos na apresentação dos livros. Seguiremos com a colocação de ideias do Hall, e, por fim, um breve debate gerado pelo diálogo entre eles.

O embranquecimento como meta nacional para aceitação no mundo dos brancos

O título do livro de Florestan Fernandes “O negro no mundo dos brancos” já nos aponta para uma realidade que sempre foi escamoteada no Brasil: uma sociedade racializada. O fato de vivermos num mundo branco se tornou tão naturalizado que realizamos a equivalência entre ser branco e universal sem muitos questionamentos. Neusa Santos (1983)

explica em seu livro que o negro não é negro naturalmente, frente a esse mundo branco, se quiser ser negro precisa se tornar negro. O negro nesse mundo branco teve e ainda tem duas alternativas. Uma é se deixar embranquecer, renegando a cultura e história de seus ancestrais e seguindo o padrão imposto da branquitude. Outra é afirmar sua negritude, sabendo que encontrará obstáculos para a afirmação dessa identidade. Já para o branco, está garantido o seu orgulho racial, pois é o padrão identitário da sociedade. Sendo que o branco e o negro embranquecido culturalmente perdem com o desconhecimento das culturas negras, pois o conhecimento só vem a trazer riquezas e possibilidades de trocas culturais mais equilibradas. No caso brasileiro, em que a mestiçagem é incentivada, toda a sociedade vem a perder com esse desconhecimento, porque uma maior compreensão da nossa realidade só será possível com o mais vasto conhecimento sobre as culturas que constituíram a nação.

Tornar-se negro no Brasil é uma questão política. Porque se trata de combater e romper os estereótipos negativos atribuídos ao simples fato da pessoa ter a pele negra e fenótipo negro. Estereótipos que não só envolvem a estética visual, mas também a tudo que remete ao negro, a cultura e a história. Sabemos que a raça não é um conceito operado biologicamente, mas ele existe sociologicamente, como forma de diferenciar o fenótipo, a cultura e a história. A raça negra está ligada a uma história da diáspora africana, de escravidão, de dificuldade da inserção na vida política, de inserção paulatina nas escolas, mas sendo esta com enfoque central na cultura europeia, de repressão cultural das matrizes africanas, de dificuldade em ascensão social e de preconceitos que colocam o negro como criminoso, feio, incapaz etc.

Isso ainda ocorre com um discurso de mestiçagem, que inviabiliza uma discussão sobre a questão racial, num país que reconhece que o racismo existe, mas que não se reconhece como racista. Quando o debate está voltado para a ação afirmativa então, a questão vira quase que um tabu discursivo de tão polêmico, se tornando um debate reducionista pela força dos discursos da mestiçagem e de que no Brasil o problema é apenas social. É claro que há um problema social no Brasil, com a permanência de uma desigualdade social elevada, apesar de alguns pequenos avanços de melhoria de vida conquistados em governos mais recentes. Entretanto, muitos estudam apontam que a questão racial está para além, pois mesmo os indivíduos negros que conseguem ascender socialmente, continuam a serem vítimas do racismo, até aqueles que tentam disfarçar a negritude adotando hábitos culturais e estéticos brancos, como seguir religiões de matrizes europeias, alisar o cabelo etc.

Assim vimos uma imposição do mundo branco, como norma e padrão a ser seguido, como estudiosos da branquitude relatam em seus estudos, com discursos que possuem bases

racistas, mas que não estão assim evidenciados na pronúncia. Liv Sovik (2009) aponta que a branquitude silenciosamente se articula, de modo a garantir seus privilégios brancos sem precisar se afirmar racialmente. Não é necessário, porque ela já o faz com a desvalorização do negro. Tanto que comumente associamos branco à nobreza, à riqueza, ao poder, à beleza, à bondade etc. Porque os antônimos são atribuídos ao negro, sendo tratado como surpresa quando o vemos em alguma dessas situações descritas. Vira uma exceção.

Sendo o Brasil um país de muitas misturas raciais, em que no fundo “aqui ninguém é branco”, tal como é o título do livro de Liv Sovik, vemos a questão racial se operar de uma maneira bem peculiar. Diferente dos Estados Unidos, onde qualquer mistura já enegrece o indivíduo, aqui qualquer mistura que clareie um pouco, já embranquece. No Brasil, a cor e o fenótipo são os determinantes para as relações sociais, temos um preconceito de marca, como nos disse Oracy Nogueira. Assim as associações do que é branco e do que é negro variam numa escala de cor e fenótipo, que combinados irão determinar a forma da discriminação, em que os marcadamente negros e mais escuros serão os mais discriminados, assim como os marcadamente brancos e mais claros serão os mais valorizados. É por isso que a dissimulação da raça, a procura pelo embranquecimento, é uma estratégia para a busca de aceitação na sociedade.

Um embranquecimento preconizado por intelectuais clássicos brasileiros e incentivado por políticos. Um exemplo artístico do embranquecimento biológico é o bem conhecido quadro “Redenção do Can” de Modesto Brocos y Gomes. O nosso país entendeu que os entraves para o desenvolvimento e o progresso era a questão racial. Assim, discussões e ideias importadas de escritores estrangeiros, que acreditavam numa hierarquia entre as raças, teve ampla discussão e a solução posta para o caso brasileiro foi a miscigenação. Embora alguns intelectuais pregassem a miscigenação como uma degeneração das raças, essa foi a medida adotada. Para tanto, políticas atrativas de imigração branca foram buscadas. Dessa forma, estados do sul do Brasil, devido ao grande investimento econômico para essa imigração, possui uma imagem de região desenvolvida, lembrando que há estudos sobre as dificuldades encontradas pelos imigrantes, mas que apesar disso tinham como benefício a crença de que os brancos eram superiores e de que conheciam melhor o trabalho livre. Ao contrário dos negros, que depois da abolição da escravidão foram deixados à própria sorte, sem nenhum tipo de apoio político e econômico. Acabando por reforçar a falsa ideia de que haveria uma hierarquia entre as raças.

Isso tudo justifica em parte, por exemplo, a razão da resistência em não se fazer cumprir a Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-

brasileira nas escolas. Ou até de cumpri-la, mas de maneira equivocada, em decorrência dos preconceitos de uma sociedade que tem como base o pensamento eurocêntrico. Também justifica a existência da segregação dos espaços, mesmo que não regulamentada oficialmente, em espaços de negros e espaços de brancos. As relações raciais nesses espaços acontecem de maneiras as mais diversas, há diferença de se ter um negro num espaço branco e de se ter um branco num espaço negro. Geralmente o primeiro será desqualificado, tratado, por vezes, como suspeito criminoso; já o segundo será valorizado, pela imaginação preconceituosa de que se teria mais dinheiro, mais tempo de estudo, seria o mais bonito, o mais qualificado.

E o samba?

Como já apontaram alguns estudos, o samba foi repreendido em seu início, por se tratar de “coisa de negros” e por sua ligação com as religiões afro-brasileiras. Ele passou por diversas transformações, suas marcas acompanharam diferentes momentos históricos do Brasil. Partiu da marginalização, como movimento cultural, para símbolo nacional, sendo o carnaval hoje um dos grandes eventos anuais de maior significado do samba. Sua história é permeada de várias discussões, como os estudos que buscam as origens do samba. No entanto, há certo consenso de que o samba nasceu no Rio de Janeiro, na Praça Onze, apesar de algumas abordagens que trazem suas raízes ainda na Bahia. Até o primeiro samba registrado, o “Pelo Telefone”, também passou por questionamentos, pois alguns afirmavam que o ritmo não era samba e também aconteceram discussões quanto à autoria. Polêmicas colocadas à parte, pois não serão debatidas aqui, partiremos da sua origem afro-brasileira. O que nos interessa aqui é pensar o samba a partir de duas análises apresentadas nos livros “Samba negro, espoliação branca” e “O mistério do samba”.

O livro “Samba negro, espoliação branca” foi derivado de uma dissertação de mestrado em Ciências Sociais de Ana Maria Rodrigues, na Universidade de São Paulo (USP). A dissertação foi apresentada em 1981 e em 1984 o livro teve sua publicação na Editora Hucitec. A autora inicia o livro dizendo que a pesquisa partiu da leitura de livros que tratavam sobre a situação do negro no Brasil, sendo o livro de Florestan Fernandes “A integração do negro na sociedade de classes” o precursor que a inspirou, para que ela viesse a estudar sobre essa integração.

Uma das grandes contribuições do livro é pensar o controle que a sociedade branca dominante teve sobre as festividades dos negros. Ela primeiro analisa esse controle, da época da escravidão até a década de 1970, que ocasionou num embranquecimento do carnaval e na espoliação dessa festa pelos brancos. Depois examina as transformações decorrentes da

entrada do branco no samba e após busca perceber o nível de conscientização dos negros quanto a essa usurpação. Para isso, ela concentra seus estudos em quatro escolas de samba do Rio de Janeiro, a Estação Primeira de Mangueira, a Imperatriz Leopoldinense, a Beija-Flor de Nilópolis e a União da Ilha do Governador. Sua pesquisa usou diferentes metodologias, teve a observação participante nos anos 1975, 1976 e 1977, a realização de entrevistas com os componentes das escolas, jornalistas, radialistas e espectadores, a leitura de notícias de jornais sobre as escolas de samba e análise da bibliografia sobre o tema.

Já “O mistério do samba” foi de uma tese de doutorado em Antropologia Social, que Hermano Vianna apresentou no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1994 e sua primeira publicação foi em 1995, pelas editoras Jorge Zahar e Ed.UFRJ. O interesse principal de Vianna foi o de entender o mistério do samba em ser tratado com repressão num momento e depois ter sido exaltado como cultura nacional. Outra questão levantada no livro é sobre o mestiço como originalidade de projeto nacional. Como Vianna explica desde o início, sua pesquisa derivou-se depois de ele ter lido sobre um encontro entre Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Neto (pseudônimo Pedro Dantas), Heitor Villa-Lobos, Luciano Gallet, Patrício Teixeira, Donga e Pixinguinha. Ele apresenta comentários sobre esse encontro e de outros da música popular brasileira, para mostrar que havia um diálogo entre elite e populares. Assim como também traz algumas análises sobre o mestiço. Vianna, no livro, procurou não ser muito acadêmico, para que a leitura tivesse um amplo público de interessados sobre o tema, porém traz debate teórico no texto e o aprofunda em anexos.

Ambos os livros trabalham com a temática das relações raciais no samba, no entanto, com enfoques diferentes. Rodrigues procura uma abordagem que mostra essas relações no sentido da expropriação e na transformação do samba visando o embranquecimento. Já Vianna traz uma análise que demonstra essas relações como integradoras, em diálogo e com um interesse que valoriza o negro e a “cultura popular”. No trabalho de Rodrigues as relações raciais são assim tratadas de maneira explícita, já Vianna se manifesta ora como relações raciais, ora conceituando como elite e populares. Vianna problematiza a fim de mostrar a complexidade das relações humanas, para revelar que não era toda uma classe reprimindo e desqualificando a produção cultural da outra, pois havia pessoas da elite que gostavam e defendiam a “cultura popular”, que eram contra a repressão. Já Rodrigues mostra que essa integração, ocasionou numa transformação que mais uma vez buscou o embranquecimento, uma integração que apresentou uma espoliação da cultura negra, regulando e colocando

elementos ditos modernos que buscavam um maior lucro. Logo, se aproximava das classes mais desenvolvidas socioeconomicamente e se distanciava das classes populares.

Sabemos que o problema do racismo toca as pessoas de diferentes maneiras. Seria reducionismo apenas afirmar que é um problema do narcisismo branco e da inferiorização negra. Tanto que há brancos que buscam questionar seus privilégios de cor e lutam pelo antirracismo, assim como há negros que acreditam que não passaram pelos entraves da cor. Como o problema tem sido resolvido basicamente na esfera privada, individualmente, apoiando-se na boa vontade das pessoas, no domínio por vezes da afetividade, podemos sim encontrar essas duas situações, que, inclusive, não negam a preponderância do narcisismo branco e da inferiorização negra. Por isso que ambas as visões apresentadas nesses dois livros são válidas, elas mostram faces diferentes da mesma realidade. Afinal, o racismo é algo que envolve toda a sociedade, portanto, não é para ser resolvido apenas de uma parte **ou** outra, mas sim de ambos os lados, um e o outro, um **com** o outro.

“Samba negro, espoliação branca”

Rodrigues argumenta no livro que havia repressão e discriminação das festas negras e que elas só foram incentivadas quando se percebeu as vantagens decorrentes dela. Seja ainda na escravidão, trazendo melhor desempenho do trabalho, diminuição dos movimentos de revolta e possibilidade de aumento do contingente de pessoas a serem escravizadas pelas relações sexuais que essas festas podiam oferecer. Seja, no século XX, com o carnaval, na percepção de lucro com a venda, produção e divulgação dessas festas. Ela questiona a forma como se deu a integração do samba, porque, apesar da enorme rentabilidade, as comunidades em que as escolas de samba estão inseridas e os componentes não conseguem captar essa renda. Pois, o processo de profissionalização foi majoritariamente de setores que brancos desempenhavam a sua participação de controle para a viabilidade da festa.

Nessa passagem, a autora comenta resumidamente a forma como ela vê a integração do samba:

A partir da década de 50, percebe-se uma mudança na relação da população branca dominante com o universo dos sambistas, francamente contraditória. Assemelha-se a um processo sutil de branqueamento, que se inicia com duas ações interligadas: a primeira é a constante afirmação de que o elemento negro não é, por direito, responsável pela criação e controle dessas formas de associações lúdico-espontâneas que são as escolas de samba. A segunda é a interferência consciente e constante, cada vez mais aguda, no objetivo principal dessas associações, que são os desfiles das escolas de samba, durante o carnaval.

Sem querer afirmar que o samba teve influência somente de raça e de culturas negras, queremos, porém, deixar bem claro que é mérito exclusivo do grupo negro no Brasil o surgimento e o crescimento dessa forma musical. (RODRIGUES, 1984, p.40)

Em congruência com esse pensamento, Sodré nos diz:

A classe média torna-se, assim, produtora sistemática de sambas e começa a fazer passar, através do som e da letra, novas significações culturais. Na realidade, tratava-se de um movimento de expropriação paulatina do instrumento expressivo de um segmento populacional (pobre, negro) por outro (médio, branco). É exatamente isto o que indica o verso de Vinícius de Moraes: “Porque o samba nasceu lá na Bahia/E se hoje ele é branco na poesia/Ele é negro demais no coração... (SODRÉ, 1979, p.37)

Uma integração organizada e regulada pelo Estado e pelos financiadores. Em que o embranquecimento teve um grande marco, o da entrada da figura do carnavalesco. O carnavalesco é um dos participantes da festa que tem profissionalização, diferentemente dos componentes que desfilam por amor à ecologia. Sua entrada teve grande sucesso, que foi o caso do Fernando Pamplona na escola Acadêmicos do Salgueiro, e para Rodrigues “os juízes identificaram-se, pela primeira vez, com seus próprios valores culturais, sua realidade social, seu conceito particular de ‘bom gosto’. Não havia porque negar o êxito a esta escola.” (RODRIGUES, 1984, p.47).

O carnavalesco se torna o participante, profissionalizado, de maior importância na diretriz da organização do enredo anual. Se antes o Estado obrigava os sambas-enredos tratarem de temas históricos, depois é o carnavalesco quem definirá o tema. Tanto que Rodrigues faz uma pesquisa com os sambistas e viu que um dos temas que eles mais gostariam de ver nos desfiles era o que tratava dos problemas sociais. Ela até admite que aconteceu uma divulgação de temas afro-brasileiros, mas para ela isso seria um movimento mais inclinado para uma promoção da sociedade dominante, que explora o folclórico, ditando o que eles acreditam que seria uma festa realizada por afro-brasileiros, do que uma conscientização e valorização das características histórico-sociais dos negros.

Nessa troca do lúdico para o espetáculo, com toda uma indústria cultural que envolve materiais de luxo e grandes produções, veem-se os destaques que são os personagens importantes do enredo e as rainhas de bateria, de padrões brancos, sendo a população negra representada como passistas, na bateria e na ala das baianas, mostrando uma diferenciação na apresentação da festa, privilegiando as figuras brancas. Dessa forma, Rodrigues explica que a dominação ideológica da democracia racial continuava se perpetuando, principalmente com a imagem de que o samba não era de uma raça, mas de todos, assim, continuando a buscar o embranquecimento cultural e certa exclusão da população negra. Mas a autora se mostrava esperançosa, porque ela sentia uma conscientização dos sambistas sobre esse processo de inserção do grupo dominante, embora em sua pesquisa tenha percebido que a própria comercialização da festa dificultava uma maior voz aos negros.

“O mistério do samba”

Já Vianna parte do discurso de que não há pureza cultural e que o samba não é uma produção de uma única raça, a dos negros. Para isso, ele mostrará que as trocas culturais já aconteciam desde o lundu e a modinha, que teve influências de várias nacionalidades. Ele diz que “o samba, naquela época, não era visto como propriedade de um grupo étnico ou uma classe social” (VIANNA, 2005, p.120). Como argumento, ele fornece os exemplos da entrada da turma de Vila Isabel para o cenário do samba e o próprio formato da organização dos grupos sociais no Rio de Janeiro da época, anterior às transformações da cidade e do surgimento das favelas, que se dava de forma mais misturada na malha urbana, geograficamente falando.

O livro procura trazer para o leitor a afirmativa de que havia um diálogo entre elite e populares na produção cultural. Para tanto, ele exemplifica alguns encontros em diversas casas, como, por exemplo, a casa de Francisco Paula Brito, e cita casos de famosos negros, mulatos e morenos que tinham ligações, mesmo que momentâneas com a elite, como, por exemplo, Tinoco. Para que essas situações fossem possíveis, ele destaca as figuras que ele chama de “agentes mediadores” ou “mediadores culturais” que serviram de base para a existência das relações entre diferentes camadas sociais na procura pelas “coisas brasileiras” (aspas do autor). Um desses mediadores teria sido Afonso Arinos. O autor conta partes da história dele que mostram sua ação de mediação nas questões culturais, que visavam à continuidade da unidade territorial do Brasil. Ele preconizava que era necessária a união do povo e da elite para a garantia dessa unidade territorial. Vianna explica que a tendência de valorizar a mestiçagem tinha sido uma solução encontrada para esse projeto de unidade da pátria.

Vianna cita vários casos e usa de argumentos da história para explicar que existia uma valorização e interesse pela cultura popular, como foi o samba. O autor não nega a existência da resistência, da repressão, mas ele acredita que não deveria ser em grande número, já que o samba se torna elemento nacional, isto é, “ganhara” no “jogo” cultural. Tanto que em menos de seis anos de sua existência, acontecem patrocínios e regulação do Governo para que o carnaval se tornasse um evento oficial e para o desenvolvimento do samba como elemento e símbolo de brasilidade. Outro exemplo para mostrar uma mediadora que exaltava a música e dança de origem negro-africana (o samba) e a vestimenta de baiana é a cantora Carmen Miranda.

O autor admite a existência do racismo e da separação de mundos entre elite e as camadas populares, mas ressalta que também há vários grupos da elite que valorizam o popular e repudiam o racismo. Ele também comenta sobre o paradoxo da sociedade em repremir a cultura afro-brasileira, ao mesmo tempo em que valorizava a mestiçagem e a cultura popular urbana. No entanto, ele acredita que a solução para o racismo não se daria na divisão bipolar de negros e brancos, por isso que ele afirma, inclusive, que não há pureza étnica, no Brasil.

“Que ‘negro’ é esse na cultura negra?”

Hall nos instrumentaliza para pensarmos o momento atual das relações raciais, assim como o de dar algumas respostas aos dois livros já comentados. Para Hall, vivemos um contexto histórico que parte de algumas mudanças: o deslocamento dos modelos europeus como alta cultura e como sujeito universal da cultura, o aparecimento dos EUA como potência e, com isso, se tornando um centro de produção e divulgação global da cultura, e por fim o da descolonização do Terceiro Mundo, com a conquista de direitos civis e lutas negras que buscam uma descolonização da mente. O momento de produção do livro da Rodrigues estava no auge do acontecimento da terceira mudança, já o de Vianna teve um distanciamento desse auge, mesmo que pequeno, historicamente.

Para Hall essas mudanças que configuram a atualidade por vezes parecem revisitar os antigos modelos de centro-periferia, no entanto elas possibilitam novas formas de contestação e intervenção no campo popular. Os dias de hoje, marcado pelas noções de pós-colonial e pós-modernismo, possui ainda a ambivalência da discriminação e o fascínio pelas diferenças. Entretanto é um período histórico em que, embora numa situação periférica, a cultura marginalizada possui uma grande abertura de produtividade, fruto das lutas de movimentos e resultado de políticas culturais da diferença. Com isso, vemos o embate em busca da hegemonia cultural, por meio do deslocamento da distinção do que é erudito e popular.

O autor explica que a hegemonia cultural não é um jogo de perde e ganha, estaria ligada a uma mudança no equilíbrio de poder, alterando a disposição e a configuração do poder cultural sem ser excluído dele. Assim vemos uma afirmação da diferença nos espaços da cultura, apesar de ainda existir uma regulação e controle dela, limitando-a. Como também vemos posições de resistência à diferença, tentativas de retomar o formato eurocêntrico e o modelo da branquitude. Contudo, o que presenciamos é a cultura popular se tornando cada vez mais a forma dominante da cultura global, em que:

O papel do “popular” na cultura popular é o de fixar a autenticidade das formas populares, enraizando-as nas experiências das comunidades populares das quais elas retiraram o seu vigor e nos permitindo vê-las como expressão de uma vida social subalterna específica, que resiste a ser constantemente reformulada enquanto baixa e periférica. (HALL, 2003, p.323)

Para Rodrigues e para Vianna, Hall tem essas passagens:

Não importa o quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras pareçam ou sejam representadas na cultura popular, nós continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas. (*Idem*, 2003, p.323)

A apropriação, cooptação e rearticulação seletivas de ideologias, culturas e instituições europeias, junto a um patrimônio africano, (...) conduziram a inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a forma de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como a meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade. (*Idem*, 2003, PP. 324-325)

Isto é, afirmando a negritude de produções culturais ou enfraquecendo essa afirmativa com o argumento de que são impuras, por conta das trocas culturais que ocorreram pela diáspora africana, ou ainda tomar a ameaça da cooptação ou exclusão, não esconderão os estilos negros que se reformularam e se adaptaram a esses novos contextos históricos. Por isso, que não se trata de resgatar o que foi perdido pela entrada do branco no samba e nem de justificar que essa prática cultural não possui uma raiz única, negra. Devemos pensar as culturas negras pelo que elas são, por esse processo de diáspora irreversível, adaptadas em negociações e contradições, marcadas pela contestação estratégica. Hall propõe pensarmos a realidade pós-colonial ou também chamada como pós-moderna não pela oposição “ou”, mas sim pela conjunção “e”, que dá novas possibilidades de interpretação e significado. Ele ainda alerta que:

Esse momento essencializa as diferenças em vários sentidos. Ele enxerga a diferença como “as tradições deles versus as nossas” – não de uma forma posicional, mas mutuamente excludente, autônoma e auto-suficiente – e é, conseqüentemente, incapaz de compreender as estratégias dialógicas e as formas híbridas essenciais à estética diáspórica. (*Idem*, 2003, p.326)

Não se trata de trocar o narcisismo branco pelo narcisismo negro, Fanon já nos apontou que os dois são duas formas de escravização, um na branquitude e o outro na negritude. Não é uma procura por homogeneizar o negro, com uma essência. Pois, temos visto a diferença se naturalizar como biológico, não entendendo a historicidade da diferença. Os estudos precisam estar atentos a essa movimentação histórica e na forma como se processaram as culturas da diferença. Hall diz que:

Não é somente para apreciar as diferenças históricas e experiências dentro de, e entre, comunidades, regiões, campo e cidade, nas culturas nacionais e entre as

diásporas, mas também reconhecer outros tipos de diferença que localizam, situam e posicionam o povo negro. . (*Idem*, 2003, pp.327-328)

E foi isso que o trabalho de Rodrigues tentou mostrar pelo viés econômico da produção cultural. O processo histórico não nos permite voltar ao passado e fazer uma nova história. Foi inevitável, por isso foi, senão não teria sido. Temos que então entender esses processos e perceber como as relações raciais se constituíram e como ainda dialogam. No Brasil, temos a especificidade das relações raciais a partir do projeto de mestiçagem. Vimos essa diferença ser colocada como a nossa originalidade, tal como Vianna relembra, mas que na prática se apresenta numa tentativa de embranquecimento, tal como nos demonstra Rodrigues. Não se trata de uma valorização reconhecida da cultura popular, há pessoas sim que valorizam e reconhecem, como nos aponta Vianna, mas vemos no jogo cultural entrar elementos de hierarquia, ainda no diálogo erudito e popular, que qualifica – refina - versus que desqualifica - vulgariza.

As visões de Rodrigues e Vianna trazem importantes abordagens sobre os estudos culturais. Diferenças que se situam na produção em contextos diferentes, uma em 1984, momento próximo do fim da ditadura brasileira e criação do movimento “Diretas Já” para a redemocratização do país; outra em 1995, com a entrada do presidente Fernando Henrique Cardoso, iniciando um período de estabilidade democrática da política brasileira. Porém, ambos os livros trouxeram diferentes ângulos da mesma temática que é o samba, com diferentes pesquisas, mas que um não refuta o outro. A complexidade da realidade permite ambas as análises, é como diria Fernando Pessoa:

Encontrei hoje em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me contou a narrativa de porque se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão. Não era que um via uma coisa e outro outra, ou que um via um lado das coisas e outro um outro lado diferente. Não: cada um via as coisas com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso desta dupla existência da verdade. (PESSOA. In: MATTA, 1997, p.13)

A luta da Rodrigues está na conscientização dos negros quanto à integração de suas culturas, para a observância das estratégias de expropriação e espoliação cultural. Já a de Vianna é a de nos orgulharmos de nossas misturas. As duas lutas procuram por um equilíbrio, uma harmonia justa que é difícil na esfera cultural, assim como a de todas as relações humanas, porque o humano é um ser político. Entretanto, não é impossível, a capacidade humana de criação, destruição e recriação têm potencialidades infinitas. Devemos continuar nessas lutas para que o futuro se mostre melhor do que o presente que vivemos.

Conclusão

A exaltação da nossa mestiçagem pelas diferentes misturas pode escamotear os complexos processos envolvidos nas relações raciais do Brasil. Apesar da nação se constituir numa democracia e preconizar a igualdade de todos perante a lei com as garantias mínimas de sobrevivência, isto não é visto em nosso cotidiano, em que as ações notadamente são racistas, mesmo que enrustidas ou dissimuladas. A força da cultura popular em se afirmar nos espaços, como nos aponta Hall, ainda mais nesse contexto histórico de circulação em níveis globais de alcance, é muitas vezes colocada nesse discurso da mestiçagem de maneira a minimizar os conflitos raciais internos, ao invés de procurar a valorização e o respeito das diferenças.

Rodrigues mostrou que essa integração, nesse diálogo racial, trouxe uma espoliação da cultura negra, modificando o samba com elementos da cultura branca, não no sentido de trocas justas, mas de um desnível na representação dos desfiles, na separação da profissionalização de alguns setores e outros não, trazendo uma consequência de concentração dos lucros em mãos brancas. Já Vianna explicou que essas trocas não eram de desqualificação do popular e que o samba seria resultado de uma produção branca e negra, sendo, portanto, um produto nacional e não de uma raça.

O que Rodrigues procurou mostrar foi que no discurso da integração, as ordens hierárquicas de valores ainda operava. Podemos, então, ver o conceito de branquitude sendo aplicado no contexto do samba, especificamente na abordagem de Rodrigues. Quanto ao Vianna, ele buscou trazer a existência dos diversos encontros e casos que demonstravam um diálogo entre elite e populares, entre brancos e negros, retomando a exaltação das nossas misturas para uma leitura possível do nosso passado. Vianna até admitiu, no livro, que esses encontros e casos não escondiam a realidade racista da sociedade, mas a sua preocupação era a de não tencionar ainda mais as discussões entre as raças pela requisição do samba como produto negro, tentando provar as misturas que sempre tiveram as produções culturais.

Já o Hall, nos alerta para as mudanças que configuram a atualidade e para a forma como deveríamos olhar para os estudos culturais, precisamente para a situação da diáspora africana e seu contexto histórico.

O conceito de branquitude não vem para afirmar que o branco é o único problema do racismo. Ele vem trazendo um novo ângulo para as discussões sobre o racismo, para não continuarmos no reducionismo de vermos a questão como um problema de negros. Vem para mostrar o processo histórico de dominação branca, de afirmação de superioridade na tentativa de desqualificação do negro. Vem para explicar que as trocas culturais foram tendenciosas, privilegiando o branco em detrimento do negro.

O racismo precisa ser atacado nas duas bases, na do narcisismo da superioridade do branco e na inferiorização introjetada no negro. Duas construções sócio-históricas que operam no sistema capitalista pondo uma face racial na desigualdade social e que vai além da situação de classe. É decorrente da mentalidade racista que ainda perdura ao longo dos anos e que apresenta a faceta racista na integração do negro no mundo das classes, no mundo capitalista. A luta antirracista vem pra questionar o imaginário da superioridade branca e da inferioridade negra. Para que um dia possamos viver numa sociedade em que a competição profissional não esteja calcada em mentalidades racistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALVES, Luciana. *Significados de ser branco – a brancura no corpo e para além dele*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2010.
- ARAÚJO, Joel Zito. “A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual”. *REVISTA USP*, São Paulo, n.69, p. 72-79, março/maio 2006.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. “Branqueamento e branquitude no Brasil”. In: CARONE, I; BENTO, M. A. S. (orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002a.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GULLAR, Ferreira. “Tem branco no samba”. *Folha de São Paulo* 06/02/05. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-142.htm> Acesso em: 05/06/11.
- HALL, Stuart. “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?” In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. “Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização”. Democracia racial. In: OLIVEIRA, I. (org.) *Cadernos PENESB. Relações raciais e educação: temas contemporâneos*. Niterói: EdUFF, n° 4, p. 61-84, 2002.
- _____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*. São Paulo, Edusp, 1998.

- PESSOA, Fernando. In: MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p.13
- RODRIGUES, Ana Maria. *Samba Negro, Espoliação Branca*. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.
- SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- SOUZA, Larissa da Silva Lisboa. “O samba como resistência e reafirmação.” *Revista África e Africanidades*, Ano 2, n.8, fev. 2010, pp.01-08.
- SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.
- SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Ed. UFRJ, 2007.